

Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2006

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Anamaria de Souza Fagundes



Imprensa e movimentos sociais: considerações antropológicas.

2006

Imprensa e movimentos sociais: considerações antropológicas.

Anamaria de Souza Fagundes

Este trabalho tem o intuito de apresentar interpretações a respeito da imprensa e dos movimentos sociais como campo de estudo para as ciências sociais, levando em consideração as observações feitas nos periódicos categorizados como jornais da *imprensa negra* na segunda metade do século XX. A proposta, conforme a apresentada no trabalho de pesquisa financiado pela Biblioteca Nacional, tem a intenção de compreender as interações e clivagens desta comunidade de pensamento num complexo contexto de produção da nacionalidade brasileira.

A apreciação do material se deteve em jornais criados e mantidos com o labor deste grupo criando uma divisão social do trabalho. Apresentam o legado de uma rede de intelectuais¹ brancos e negros que participavam de um projeto de organização social no início da república. Neste projeto a imprensa teve uma contribuição importante para a produção de uma mobilidade social.

Parte-se da premissa de que o jornal é um instrumento de construção social da realidade. Neste momento, ainda que os destinatários fossem pouco letrados, este instrumento de pesquisa nos auxilia a compreender coalizões intelectuais e suas redes de relações a partir da criação de instituições sociais como os *clubs*, festivais dançantes e projetos de civilidade.

Ao observar estes jornais podemos perceber um conjunto de temas e problemas que envolvem a constituição de uma identidade e uma proposta de integração social a partir da formação de papéis sociais. Na pesquisa o propósito foi o de criar uma listagem das matérias apresentadas nestas folhas, com breves considerações sobre os assuntos tratados no material: política, campos de ação, direitos sociais, cultura, poesia, dentre outros.

Os “Homens de cor”, como eram denominados na ocasião, constituem uma rede de relações intra e extra a barreira da cutis. Em muitos textos tratam do preconceito e da etiqueta como forma de combater o racismo.

¹ O conceito intelectual aqui empreendido leva em consideração a perspectiva de Gramsci.

Tomo por proposta fazer uma descrição do material, valendo-me da premissa de que ao descrevê-lo tenho que levar em consideração o contexto no qual vivo e o capital simbólico que vivencio. A literatura que trata do tema nos adverte que a história dos movimentos de resistência precisa ser tratada não só da maneira como foi cristalizada. É preciso compreendê-la de acordo com as perspectivas que vão sendo agrupadas em torno desta questão que se torna um problema científico.

Antes mesmo dos jornais selecionados para a produção deste artigo começarem a ser publicados já na imprensa de grande circulação temos sobre os “ Homens de cor”. Num artigo do Correio da Manhã de 2 de novembro de 1923 *A Sessão da Câmara. O Sr. Azevedo Sodré discutiu o problema do ensino. A imigração dos homens de cor.*

O texto trata sobre o projeto Fidelis Reis proibindo a entrada de homens de cor no Brasil e restringindo a entrada de colonos de raça amarela. O autor combate estes sentimentos que diz ser menos dignos e pergunta se a religião ensina uma solidariedade para os brancos e outras para os pretos. A respeito dos homens de cor cita a sua importância na propriedade econômica e a peleja contra os bandeirantes do sul e os criadores do norte. Lê uma estatística do Ministério da Agricultura que sustenta não haver raças inferiores, nem superiores. Apóia-se em Manoel Bonfim para salientar as qualidades da raça que o projeto quer prescrever. Cita ainda os homens de cor que viveram nas cidades e elevaram-se na política, nas letras e nas ciências; como Rebouças, Tito Livio de Castro, Benício de Abreu e outros que já morreram. Evaristo de Moraes cita o bispo de Olinda e assim faz suas críticas ao projeto Fidelis Reis. Termina seu artigo dizendo que o símbolo de união entre os pretos, os brancos e os mestiços seria a estátua do Redentor no alto do corcovado.

Se formos nos debruçar no pensamento social, o contexto que abarca este recorte temporal da pesquisa (dos anos 1920 ao ano de 1963) pode-se perceber um conjunto de interlocutores procurando constituir suas identidades num emaranhado de opções políticas.

Esta situação social, em termos empíricos, é percebida como um movimento social.

Os movimentos sociais são parte da nossa realidade social, reproduzem estruturas e eclodem questões epistemológicas. Este momento para os negros foi um momento de transformação. Utilizando-se de interações com outros membros da sociedade e criando estratégias de ação, os homens de cor organizaram-se, discutiram

tanto festas para enaltecer a beleza feminina quanto formas de associação político-cultural.

Os materiais da *imprensa negra*, com textos subliminares, manifestam as angústias e desejos deste grupo que ao mesmo tempo o caracterizam e o distinguem dos demais culminando no movimento da Frente Negra Brasileira criada em 1931. A princípio a Frente Negra foi dirigida por Arlindo J. Veiga de Almeida dos Santos. Antes da Frente Negra ele foi secretário da Faculdade de Filosofia e Letras e Presidente do Centro Cívico Palmares e membro de outras associações religiosas. Foi também jornalista e redator do *Mensageiro da Paz*, tendo como pendão a hombridade por *ser negro* e o fato de ser patricio e sobretudo preocupar-se com o internacionalismo seja nos EUA, Grã-Bretanha ou América Latina; ou referente às transformações econômicas nacionais, principalmente no sudeste.

Em meio à agitação cultural dos anos 1930 e a emergência do modernismo no Brasil com as transformações na área da educação e no Estado - com a constituinte de 1934 – pensam na idéia do primeiro Congresso da Mocidade Negra (CMNB). O *Clarim da Alvorada* criado em 1928, absorve esta atmosfera e toma frente à realização do Congresso, como destaca o editorial do jornal *Clarim da Alvorada* (Ano VI, n. 16, São Paulo, 3 de fevereiro de 1929).

Concomitantemente a proposta do CMNB, temos um artigo sobre o “manifesto do Negro world” em Nova York e debates no Congresso Federal a favor da viúva de José do Patrocínio. O discurso do Sr. Celso Bayma traçava a trajetória desta personalidade no meio negro e no pensamento social.

Segundo o artigo que trata do CMNB, apresenta-se a proposta de chamar atenção da mocidade para a educação. De certa maneira criticavam a fundação de partidos e a disputa de cadeiras no legislativo. Este texto é assinado por Maria Amália Leal, enviado pela Bahia.

Trata-se de um texto bastante importante devido o fato de uma mulher ter participação ativa no debate. A este respeito é difícil encontrar nestas folhas matérias assinadas por mulheres, quase sempre as matérias mais críticas não são assinadas. O que há de interessante no *Clarim da Alvorada* relativo a gênero são as notas dos editores para a premiação de qualquer mulher que queira escrever sobre a militância. Maria Amália não é a única. Outras mulheres, que não chegam a assinar no jornal também

foram importantes para a produção destes instrumentos como por exemplo a esposa de José Correia Leite, que em uma breve nota também chama atenção para a necessidade de expor opiniões sobre a situação do negro. Para os homens, as mulheres tinham um papel essencial. Era preciso inspirá-las para dar uma educação incutindo-lhes “o respeito aos superiores, cortesia aos iguais e civilidade aos inferiores!” Salientavam porém que a maioria das mães pretas não podia dedicar-se à educação de seus filhos! Este fragmento de texto de maio de 1928 demonstra como o projeto civilizatório era importante para este grupo e o esforço da coletividade seria primordial.

A idéia do congresso sofreu duras críticas, mas também houve quem concordasse com a proposta e angariasse fundos para o empreendimento. No fim o congresso não ocorreu, mas fortaleceu a idéia da criação da Frente Negra Brasileira – FNB nos anos 1930 que depois se tornou partido, divergindo da primeira proposta do CMNB.

A motivação que tenho ao trabalhar com estes materiais está em compreender como foi estabelecida esta configuração social? Como se estabelece o pertencimento? Há a possibilidade destas ideologias conviver de maneira harmônica com estas distinções?

Pela interpretação que faço dos materiais, a geração de homens que construíram sua identidade como negro criaram redes de relações como à sua época estabelecendo instituições sociais; preocupando-se em discutir o tema a partir do prisma ideológico. Não podemos esquecer que estamos lidando como uma história das mentalidades e com consolidações de tradições.

Dos materiais coligidos na biblioteca temos o O Baluarte em janeiro de 1904, Menelick em outubro de 1915, A Rua em fevereiro de 1916, Xauter em maio de 1916, O Alfinete em setembro de 1918, O Bandeirante em julho de 1919, A Liberdade em outubro de 1920, A Sentinella em agosto de 1922, O Kosmos em agosto de 1923, O Getulino em janeiro de 1924, Clarim em janeiro de 1924, Elite em janeiro de 1924, O Patrocínio em abril de 1928, Auriverde em abril de 1928, O Progresso em junho de 1928, A Chibata em fevereiro de 1932, A Voz da Raça em março de 1933, Evolução em maio de 1933, Clarim em março de 1935, Estímulo em maio de 1935, Tribuna Negra em setembro de 1935, Alvorada em setembro de 1935, Senzala em janeiro de 1946, Novo Horizonte em maio de 1946, Novo Mundo em setembro de 1950, Quilombo –

jornal do Rio de Janeiro publicado em janeiro de 1950, A Redenção, publicado no Rio de Janeiro em dezembro de 1950, O Voz da Negritude em 1953, Notícias do Ébano em outubro de 1957, O Mutirão em maio de 1958, Hífen em fevereiro de 1960, Niger em julho de 1960, Nosso Jornal em maio de 1961, Correio D'Ébano em junho de 1963, A Raça- jornal de Uberlândia, Minas Gerais de novembro de 1935, Alvorada – jornal de pelotas- Rio Grande do Sul em abril de 1936, União de Curitiba- Paraná de março de 1948.

Os jornais são em sua maioria de São Paulo e do interior desta capital, mas também encontramos jornais de Minas Gerais e Rio de Janeiro, depois da revolução de 1932 e nos anos 1950. Há também na coleção uma importante revista a Senzala. Na coleção há apenas uma edição com iconografias de atores muitos dos quais são figuras notáveis como Abdias Nascimento. Detive-me nos microfilmes pois eles têm uma série de textos, cartas, balancetes que são importantes fontes de pesquisa e marcam o cotidiano de um grupo em definição. Fala-se muito sobre a FNB e sua proposta partidária, como também o número de integrantes que chegou a agregar, mas a pesquisa não se deteve apenas nesta organização, pois estes jornais agregados mostram muito mais que um movimento político, mas uma proposta de meio de vida e construção de civilidade que vai além da estrutura partidária.

O acervo que une dois rolos de microfilmes com vários títulos foram agrupados pela biblioteca como jornais da raça negra. Essa classificação daria um outro artigo. Farei aqui uma descrição do material e da metodologia empregada. Depois da leitura dos jornais de São Paulo, fiz a seleção dos materiais que tinham um maior número de informações que poderiam ser utilizadas. Li cada matéria e fiz a seleção que considerei mais importante, dentre as demais. Optei pelos jornais *Clarim* e *Clarim da Alvorada*, *Getulino* e o *Progresso*, por tratar-se de jornais de maior expressividade em termos redatoriais, não que os outros não sejam importantes, e de demonstração das redes sociais criadas por estes intelectuais. Estes homens e mulheres tiveram o intuito de construir uma memória das mobilizações negras na história republicana brasileira. Sabemos que a imprensa não é a única, nem tão pouco a primeira forma de mobilização social associada aos negros, mas sabemos que em termos metodológicos ela é um bom instrumento de pesquisa devido ser um dispositivo ritual ampliado. Ainda que a população, mesmo a que não era de cor, fosse iletrada, os principais assuntos levantados

pelos jornais eram discutidos nas sessões solenes, uma espécie de reunião de grupo onde os presidentes das associações, convidados e homenageados tomavam a palavra, fazendo uso do vernáculo da época.

Os periódicos em suas primeiras edições vinham quase sempre com um perfil ou objetivo a tratar: exaltar o Brasil, lutar pela minoria, pela classe operária, tratar de assuntos referentes aos homens de cor ou outros objetivos correlatos, além da educação, o projeto de constituição do sanitarismo brasileiro que desde o século XIX procurava implantar um projeto de nacionalidade. A crítica ao modo de produção escravista, as incertezas quanto ao processo de industrialização e civilidade brasileira.

Em suas práticas traçaram uma questão racial, tão discutida na literatura, mas o que ficou para as gerações vindouras que participaram direta ou indiretamente deste contexto?

A imprensa deste grupo social² é identificada como um instrumento de manifestação da identidade étnica e luta pela aquisição de direitos plenos. Pelo que se pôde notar, além dos grupos abolicionistas, outros membros são adicionados com o interesse de se cotizar e implementam um jornalismo independente e voltado à melhoria da condição social.

Dentre os membros destacam-se Deocleciano Nascimento, Jayme de Aguiar, José Correia Leite, Humberto Campos, Gervásio de Moraes, Lino Guedes, Luis de Souza, Francisco Lucrécio, dentre outros, que atuaram de maneira incisiva na elaboração das instituições negras, seja nos jornais, quanto nas associações.

Neste acervo o discurso vigorado em torno deste tema trata bastante dos negros do sudeste, mas podemos encontrar periódicos do sul. Os jornais marcam as redes de sociabilidade as condutas éticas e critica aqueles que não estão em processo de interação social. Os que não optam pela ordem e pela moral são criticados pelos coordenadores dos bailes e nas matérias jornalísticas.

Moda, costumes, gênero, estratégia organizacional, economia, política e cultura são temas corriqueiros destas matérias, inclusive nas poesias. Neste conjunto de jornais, retratam o cotidiano de um grupo social que procurou externalizar suas dúvidas, inquietações e criar de maneira pragmática uma interação.

² Entende-se por grupo social uma entidade que leva em consideração o complexo ideológico agregado para constituir tradições morais.

Outro personagem importante como o Lino Guedes, mesmo dirigindo e assumindo o editorial de dois destes jornais trabalhara na grande imprensa e tinha pretensões de ser reconhecido pelos pares. Lino Guedes, teve apoio de uma personalidade de sua cidade e desde pequeno participou de jornais escolares. A partir da editoração Lino Guedes deu um tom seu para os jornais negros. Nos periódicos de sua autoria podemos perceber uma linha de pensamento e sistematicidade. O jornal o Getulino, de Campinas e o jornal O Progresso de São Paulo podemos perceber seu estilo. O jornal o Progresso marca um estilo próprio de constituir temas e problemas para serem debatidos não apenas no meio negro, mas como um todo. Há um conjunto de cartas, artigos, textos retirados de jornais de grande circulação, debates sobre o judiciário, repercussões sobre leis e costumes, enfim uma série de fatos que são enfatizados nesta folha, como por exemplo à campanha para a herma a Luiz Gama, a reverência a personagens que comentam suas lembranças sobre a última fase da escravidão e o contato com a monarquia dentre outros.

Outro ponto também a se considerar diz respeito às coleções. Preponderantemente a coleção analisada faz parte do material compilado por José Correia Leite, outro expoente desta imprensa negra e personagem importante da organização negra. Participante de um conjunto de conferências é respeitado pelos intelectuais *stricto sensu* pela sua inteligência e acuro. Além deles outros nomes também são mencionados, Pedro Paulo Barbosa, A. de Campos, Jayme de Aguiar, Francisco Lucrécio, Frederico Baptista de Souza, Gervásio de Moraes, dentre outros. Muitas destas personalidades aparecem nos jornais com suas fotos sendo homenageados, quase sempre nos chamados álbuns próximos aos seus aniversários. Suas famílias também eram homenageadas. Uma pesquisa detida neste setor pode apresentar as redes de parentesco e casamentos ocorridos entre estes grupos. Fato que não foi objeto de minha pesquisa.

Outras personalidades com maior ou menor força na organização dos jornais, deram sua contribuição e expuseram seus ideais a ponto de interferirem em sua vida íntima. A redação da maioria dos jornais era em ambiente doméstico. O Clarim da Alvorada por exemplo era na residência de José Correia Leite, a qual, por motivos de clivagens entre grupos foi pilhada para que o seu trabalho não fosse concluído.

José Correia Leite não era uma vítima, muitas vezes usou do seu vernáculo para atingir seus adversários e com sua inteligência soube exercer sua civilidade. Com a pena escreveu dois números do periódico *A Chibata*, folha cujo objetivo foi o de criticar o irmão do presidente do Jornal *Voz da Raça*.

Os primeiros jornais não tinham uma pretensão político social, comentavam sobre questões do cotidiano e criavam estruturas de interação social, mas as mudanças já podem ser percebidas no *Clarim* que depois passou a se chamar de *Clarim da Alvorada*. Há também dentre os jornais que considere importante o jornal *O Getulino* (de Campinas) e o *Progresso* (em São Paulo) com o jornal *O Patrocínio*, com ótimos artigos e interlocuções entre leitores que falam sobre política e sobre produção de uma identidade étnica.

Até então a literatura tem se redobrado a discutir esta questão sobre a perspectiva da nacionalidade e da questão étnica, mas pouco se sabe sobre estes homens que se articularam e criaram estratégias para manter as associações e produzir um padrão moral. Muitos se tornaram ícones do movimento negro da segunda metade do século XX, mas outros atuaram, ainda que minimamente, mas serviram para estrutura de uma organização social.

Nos jornais comenta-se muito sobre Vicente Ferreira, um carioca que estréia sua interação com os negros de São Paulo com um discurso num velório e mesmo sem saber escrever tinha interlocuções com homens da grande imprensa. Vicente Ferreira comenta não apenas sobre a questão racial, mas também sobre os distanciamentos regionais, rusgas entre o Rio de Janeiro e São Paulo e propostas políticas de correntes monarquistas, republicanas e até mesmo fascistas e nazistas. Este é um momento bastante pulsante de nossa história. Os negros lutavam contra a ressonância da posição de descendente de escravos e uma nova situação no mercado de trabalho. São Paulo passa por um processo de substituição na sua economia. A cidade industrializa-se e poucos na urbe, mesmo os estabelecidos estavam preparados para este novo modo de vida.

Neste momento a produção ideológica associada à raça, família, pertencimento, nacionalidades ficam mais expostos, como podemos notar nos textos e propostas destes artigos. Continuamente o jornal publica em anúncios do engenheiro Cerqueira Leite e Alcides Costa terrenos em Vila Paulicéia em Sant' Anna para compra.

Nestas páginas pode-se encontrar textos sobre o relatório apresentado a Locke Lampson, subsecretário das relações exteriores da Grã-Bretanha referente à 6ª Comissão da Liga de Nações falando sobre o problema da escravatura nas possessões europeias, como textos referentes ao pan-latinismo e Afrologia termos utilizados pelos jornais.

Sobre o Pan-Latinismo, um artigo publicado no *Getulino*, Campinas em 20 de janeiro de 1924 (Ano I, n. 26) chama atenção que a Câmara alta aprovou o projeto F. Reis vedando a entrada de imigrantes. Neste artigo cita João Ribeiro (*A Língua Nacional*).

No Brasil tratam a respeito da questão do negro externando sobre a reunião do club dos negros conscientes. O que há de interessante nesta questão é que entre os organizadores há um africano, visto como um agitador, aliado de Robespierre - José Tchanganá Gumede – dito como o formador do *Lunion*.

O *Clarim da Alvorada*, um jornal aparentemente editado, elaborado por homens sem tamanha expressão política: Lino Guedes, um jovem jornalista e Jayme de Aguiar, também jovem se agrupam a antigos membros do meio negro em 1928 e mesmo depois da crise se estruturam e continuam a editar os seus jornais para pleitear por seus direitos e os direitos da maioria. Criam estratégias de ação, apresentam as estratégias de seus consócios e demonstram que ainda com poucos recursos as associações procuraram integrar-se e criar uma espécie de *união*.

Sociabilidades e clivagens

A política e configurações ideológicas não são as únicas matérias editadas no jornal. *Matinéés e soirée dançante do Kosmos* – associação que também tinha um jornal - e de outras associações recreativas, eram abertas com sessões solenes onde os oradores discursavam sobre a situação dos grêmios, explanavam suas queixas, apresentavam suas considerações sobre a situação da classe, elogiavam as sociedades irmãs e abriam para os ensaios dançantes até o alvorecer.

Nos Grêmios Dramáticos Kosmos, entre as sessões solenes e o baile apresentava-se um espetáculo teatral. Abílio Rodrigues, em muitas ocasiões era o autor, o diretor, o ator e o cinegrafista. Joaquim Domingues, Jorge de Mello, Maria Barroso, Rosaura Baptista, Augusto Mesquita, Manoel Alves e Luiz Henrique dos Santos

também faziam parte do núcleo teatral. Como grêmios dramáticos, destacam-se o *Kosmos* e o *Barão do Rio Branco*. Joaquim Domingues em artigo destaca a falta de participantes do corpo cênico que conta apenas com os mesmos atores em todas as peças. Essa situação se reverte anos depois com o TEN – Teatro Experimental do Negro.

Teatro e poesia não eram as únicas expressões culturais salientadas pelo jornal, o carnaval também era uma importante fonte de interação deste grupo. As narrativas construídas pelos jornais da raça negra sobre os bailes e cordões carnavalescos ressaltam a idéia de Dyonisio Barboza, Victor de Souza, Luiz Barbosa, ainda rapazes, criarem um pequeno grupo no qual tomam como figura de destaque Silvano Vidal Silveira e Antenor dos Passos Sebastião Dias, Tibúrcio de Almeida e outros componentes. Surgem o *Campos Elyseos*, depois o *Nova Aliança* e o *Lyra da Madrugada*. Estes cordões desenhavam um circuito central pela cidade, alguns com caminhões. No elenco destes clubes carnavalescos personagens como o seu Zé Mé-Mé, o "terrível folgazão carioca", são reverenciados. Dyonisio Barboza comandava o grupo infantil da Barra Funda e Jorge Raphael o grupo carnavalesco da entidade. Nos carnavalescos como o da Barra Funda e o Campos Elyseos, na época do carnaval organizavam cordões e desfiles a fantasias e durante o ano realizavam ensaios internos.

Nos centros literários reuniam-se membros que escreviam e recitavam poesias de sua autoria como também de poetas notáveis como Cruz e Souza. Estes centros tinham por objetivo criar escolas literárias e alfabetizadoras. O Centro Cívico Palmares é tido como um dos principais destes órgãos de formação. A educação, ou melhor a falta dela, entra neste contexto como o principal dilema. Como os negros poderiam se tornar uma melhor força de trabalho se não sabiam ler ou escrever ou não tinham um ensino básico? Este Centro que a principio emerge como um modesto centro literário toma força e ganha projeção na grande imprensa como uma instituição com atividades educacionais para a incorporação dos homens de cor.

A este respeito é travado na imprensa negra um debate sobre a mobilização do *Centro Civico Palmares* e do *Clarim da Alvorada*. Este jornal em sua segunda fase tece críticas a um artigo publicado por Vicente Ferreira. Nas palavras de José Correia Leite, Vicente Ferreira: "...alevanta-se agora todo impertinente contra os pretos de São Paulo atirando injustamente, uma cusparada de insultos na face daqueles que o souberam

receber dignamente, e, nada mais lhe podia fazer". Um dos conflitos levantados no artigo refere-se a uma colocação de Vicente Ferreira de que os pretos estavam morando em porões e que eram pouco mobilizados e quando perguntado sobre o jornal *Clarim da Alvorada* afirmara que era apenas um jornal interessado em tratar de assuntos corriqueiros das agremiações. Destacando ainda que o *Centro Cívico Palmares* era o principal modelo de intervenção em prol do negro. A oposição surgida a partir da matéria envolve conflitos regionais. Na colocação dos artigos que tratam da peleja, Vicente Ferreira é tido como um carioca que foi bem recebido em São Paulo e que aparece estrepidamente em um discurso no cemitério e que agora vem macular a mobilização dos negros paulistanos. A réplica de Leite foi a de que estes homens que viviam em porões são trabalhadores e de idoneidade comprovada. Muitas proles felizes, segundo Leite, existiam nestes porões afora. Gervasio de Moraes também toma as dores e escreve a matéria o *ídolo que fala* relativa ao tema.

Neste universo das noites dançantes e do processo eleitoral destas associações germinam a produção de normas de conduta e de controle social, além de debates políticos ideológicos que se confundem com rugas pessoais e conflitos geracionais da classe. Manifestam um jeito político de ser, de experimentar a cidade e exercitar uma micro política, fundamental para a constituição e manutenção destes grupos.

Como descreve (Santos, 2005): *Numa primeira parte da produção, que se inscreve entre 1889 e 1936, era a "classe dos homens de cor" a protagonista das cenas escolhidas para descrever o cotidiano e as experiências de organização em grupos associativos. Nestas cenas os negros misturavam-se a outros personagens – brasileiros ou, vez por outra, estrangeiros, mas nem sempre 'patrícios' ou da 'classe de cor'.*

Estas identidades reconfiguradas expõem laços territoriais e constroem sociabilidades interessadas. Além das festividades carnavalescas e noites dançantes, os ritos de agregação envolviam cultos fúnebres, romarias cívicas e convites para casamentos, aniversários e bodas.

Porém, dentro desta integração podemos perceber as interdições transcritas pelo próprio meio como pelos estrangeiros e pelo mercado de trabalho. As separações são visíveis quando se menciona a proibição de negros nos parques, recusa de órfãos negros em orfanatos religiosos e anúncios de empregos com a manchete: - *Preferem-se brancas*. Estas interdições não aparecem apenas entre os negros iletrados.

Nos discursos analisados em torno da questão racial no Brasil acredita-se que a desigualdade racial apóia-se nas estratégias políticas definidas contra um pano histórico (Pinho, 2005) e esta produção é construída a partir da violência, como também para a construção do negro como objeto de conhecimento. Não podemos esquecer que é nesta conjuntura dos anos 1930-1950 que o paradigma em torno do “negro” (não como escravo) passa a ter uma expressão internacional e acadêmica com projetos como o da Unesco e centros de pesquisas como o Centro de Pesquisas Educacionais - CBPE, que apesar de não tratar especificamente do negro tratava de problemas relativos à integração social a partir da educação, proposta mais contundente do grupo em questão. Ainda que estes dilemas passem a se tornar mais contundentes nos anos 1950 e 1960 onde a produção ideológica sobre a temática racial emerge.

Este problema científico e social não era visto apenas como uma questão racial. As observações de Pinho sobre o biopoder e as alegorias de representação do negro, são bastante apropriadas para comentarmos sobre as expectativas da Frente Negra Brasileira. Embora esta elite negra paulista que constituía esta associação como valores e visões próximos aos dos grupos hegemônicos, as associações negras e a FNB em particular, teve a preocupação em constituir um projeto integrado que pode ser percebido desde movimentos anteriores como a Conferência da Mocidade Negra Brasileira.

Este complexo emaranhado ideológico é um rico material empírico. Há um foco nos trabalhos na Frente Negra Brasileira, mas esta associação não foi a única fonte de sustentação desta sociabilidade, os *clubs*, sarais e centros cívicos como o Centro Cívico Palmares, ainda pouco analisados, foram importantes instrumentos para a produção desta comunidade de pensamento. As propostas *stricto senso* dos primeiros anos do século XX também foram importantes para a constituição de uma postura para este grupo.

O *Clarim da Alvorada* não é o único jornal a traçar perspectivas políticas culturais e sociais desta atmosfera. O jornal o *Progresso* dirigido por Argentino C. Wanderley e redatoriado por Lino Guedes debruçam-se com força nas questões políticas da sociedade vigente. Em julho de 1923 circula em Campinas o primeiro exemplar do jornal Getulino, fundado pelos empreendedores negros Alcino de Moraes e os irmãos Martinho e Christino José de Andrade. O título composto por 64 números manteve sua

publicação por 18 meses de existência, atingindo abrangência entre a população negra campineira. Foi um jornal que estimulou uma série de campanhas em prol do exercício da ação política e cultural no meio negro. Contava com colaboradores e correspondentes de diferentes regiões de São Paulo. Estes colaboradores participavam também da distribuição e recebimento de assinaturas.

Dentre os demais, o Getulino distingue-se pela sua periodicidade (semanal) e sua estrutura de manutenção. Era um periódico que possuía um conjunto de anunciantes: de profissionais liberais negros a anunciantes de grande porte como o da Casa di Lascio estabelecimento de um italiano. Além da estrutura de organização montada por este grupo, outro ponto a se destacar é o conjunto de mobilizações implementadas por este título: denunciando as estratégias de segregação trabalhistas entre as domésticas, promoção de auto-estima a partir de Concursos de Beleza, além de outras iniciativas. Lino Guedes e Gervásio de Moraes neste título encarregaram-se da redação e editoração do jornal.

Este periódico durante sua expressiva existência contou com a participação de experientes colaboradores como Benedito Florêncio, Lacerda Werneck e Evaristo de Moraes, pensadores em sua maioria negros. Neste catálogo podemos apreciar um conjunto de artigos, matérias e demais assuntos que contribuem para a análise de diferentes formações discursivas apresentadas no jornal e verificadas no intercâmbio que este veículo constituiu com a configuração social da época. Neste repertório é possível identificar um sistema classificatório que envolve integração, clivagens, posturas ideológicas e ação coletiva.

A estrutura física do jornal seguia um padrão tradicional adotado nos demais órgãos jornalísticos. O exemplar era feito em papel jornal, escolhido pelo fato de ser mais barato e possuir maior quantidade de papel. Trazia medidas padrão: 47cm x 32cm, comportando até cinco colunas por página impressa.

A folha procurava trazer nas primeiras páginas as matérias mais impactantes para o público alvo. Denota-se por parte do editorial uma estratégia para conseguir a atenção do público leitor. Analisando processualmente as matérias, podemos identificar um conjunto de temas e problemas recorrentes e uma linha de debates marcados pelos colaboradores a respeito da situação do negro em Campinas. Apesar de ser um jornal

do interior possuía uma postura engajada com situações da conjuntura política, cultural nacional.

Dentre os demais periódicos da imprensa negra, este foi o que conseguiu manter uma assiduidade e uma periodicidade mais próxima da grande imprensa. Sua tiragem atingira a marca de 1500 exemplares/mês. Conforme as informações contidas no jornal e as considerações de Miranda, o capital inicial utilizado para a abertura do jornal foi o de 500\$000 réis, quantia disponibilizada por Alcino de Moraes, os demais sócios não destacam no periódico a quantia aplicada, mas depois do início da publicação o sócio Alcino abdica do empreendimento e vende para os irmãos Andrade a quantia empreendida no negócio. Estima-se que a quantia seja a de 1:500\$000 réis dividida entre os 3 sócios. Em sua pesquisa Miranda ressalta que a quantia aplicada no empreendimento foi integralmente recuperada em um curto espaço de tempo.

Para além dos anos 1920 e 1930, o campo intelectual toma uma expressividade maior, inclusive na academia. Os jornais da raça negra que aparecem nesta ocasião, principalmente nos anos 40 e 50 tratam a respeito do tema racial.

Conforme salienta João Baptista de Lacerda em 1911 no I Primeiro Congresso Internacional das Raças, o Brasil sofria um processo de branqueamento da população. Batista partia da hipótese de que as gerações futuras iriam branquear-se e ter fenótipos dos *brancos* (Machado Ayres, 2007). A década de 1930 é marcada por uma época de representação do Brasil. Muitos ensaios como diz a autora foram escritos por jovens autores nacionais e internacionais reunindo abordagens nas ciências sociais e sociais aplicadas. Uma série de nomes são mencionados: Caio Parado Jr., Nelson Werneck Sodré, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Silvio Romero, dentre outros. Nacionais e estrangeiros.

Sobre este conceito de branqueamento a autora citada faz uma observação bastante importante citando Maria Aparecida Silva Bento. Nesta observação destaca que o conceito *é um padrão forjado pela elite branca à sociedade brasileira, atribuindo aos negros dilemas e problemas decorrentes desse padrão*. O que se poderia compreender desta apreciação é que o embranquecimento seria uma estratégia de proteção dos que são classificados como brancos. Acredito que há mais variáveis a se deter do que a proposta de acordos e privilégios. Existe uma perspectiva de grupos social que

ultrapassa a cor ou a etnia. Principalmente na contemporaneidade com a emergência dos discursos ecológicos, geográficos e biológicos.

Baseio-me nesta variável levando em consideração os projetos educacionais implantados décadas à frente e o processo de interação social que marca a construção da nossa nacionalidade. Discutir o termo identidade e nacionalidade é uma tarefa difícil nos dias atuais com as visões do multiculturalismo, ecologia e unificação . Mas estes conceitos não deixam de estar na agenda de debates desde o período de entre guerras. Seja para aproximar ou para afastar as pessoas.

Nos anos 1940 e 1950 os jornais *Novo Horizonte* (1976), dirigido por Arnaldo de Camargo e Aristides Barbosa e o jornal *Mundo Novo* dirigido por Armando de Castro são os que consideram de maior expressividade no meio negro e agregam aspecto da política e do contexto nacional e internacional da época. Logo após o pós-guerra e conforme a interpretação que faço do jornal *Novo Horizonte* tinha-se o propósito de averiguar quais as situações que se seguiriam após o conflito. Os jornais apresentam novos aspectos, a questão toma outros contornos e pode-se evidenciar um intercâmbio mais contundente entre os intelectuais da academia e ações de apaziguamento. Motivados com as conseqüências do conflito. No jornal *Mundo Novo* a manchete de 23 de setembro de 1950 era a seguinte: Concedido pelo Parlamento Norueguês, pela primeira vez na história a um cidadão negro o “Prêmio Nobel da Paz”, prêmio atribuído a Ralph Bunche mediador das Organizações das Nações Unidas, no caso da Palestina. Os assuntos internacionais ficam mais em voga nas matérias, ainda que a proposta de unificação dos negros permaneça.

Os próprios negros passam a estruturar um pensamento social, os próprios começam a fazer comparações entre os nipônicos. Armando de Casto por exemplo no jornal de mesma data destaca que O nipônico e seus descendentes têm a sua sociedade e chama a atenção para o fato de que o negro no Brasil não teve o mesmo incentivo e o mesmo espírito de luta para se fortalecer. Outros textos durante a apreciação dos discursos vão dizer justamente o contrário. Que os negros lutaram bravamente por sua liberdade e pela produção de uma cidadania.

O conflito ideológico, as interferências econômicas e externas foram o substrato para a criação do projeto Unesco em 1951 no Brasil e de suas conseqüências.

Para compreender as lógicas e anseios que estão intrínsecos neste panorama ainda é preciso muito estudo e novas relações contemporâneas. É preciso no mínimo externalizar o papel daqueles que se preocuparam em guardar registros para as gerações vindouras.

Novos contextos, novas expectativas

A repercussão desta imprensa no campo científico pode ser notada nas correspondências que personalidades do meio negro tinham de personalidades como Arthur Ramos e Alfred Metraux nos anos 1950. Pesquisadores que buscavam implementar uma série de pesquisas sobre a complexidade brasileira. No Brasil a questão racial e o discurso do branqueamento tornou-se hegemônico. Como salienta a literatura sobre o tema, o Brasil entrava na política desenvolvimentista e inseria-se no mercado internacional. Neste contexto o patrimonialismo tradicional é marcado por relações sociais e contratos trabalhistas. Era preciso oferecer mão de obra no mercado. A expectativa de uma melhor condição de trabalho estava nas cidades que passavam por um processo de industrialização mais contundente: Rio de Janeiro e São Paulo, mas a discriminação prejudicou a mobilidade social dos negros. Este clima conflituoso é bastante acirrado nas gerações que sofreram ressonâncias da escravidão. Mas conforme a industrialização vão se desenvolvendo novos problemas e passam a surgir novos grupos e com eles a necessidade de interagir. No jornal Novo Mundo isso fica claro no apoio dos operários ao jornal dedicado aos homens de cor. A situação da classe trabalhadora é salientada em muitas matérias. Este jornal aparece na mesma época em que a Unesco passa a dedicar-se em estudos sobre a questão racial e projetos educacionais.

Conjugar as aspirações dos grupos que estão na organicidade com os projetos *stricto senso* que incidiram em políticas públicas e políticas sociais são, contemporaneamente a proposta mais expressiva que se poderia ter para compreender as mudanças sociais.

Não se trata de uma tarefa simples, nem de curto prazo, mas não se tem dúvidas de que ela é necessária. Ao apreciar estes materiais percebi que nem todos os personagens ficaram satisfeitos com a situação que se deparavam, muitos não chegaram

a participar de maneira pragmática. Não se tem como conter a recepção dos projetos como um todo.

Os novos movimentos sociais vêm ainda hoje integrados a uma base emocional marcada pela desigualdade social e os contextos de inclusão e exclusão, conceitos construídos a partir do modo de produção capitalista, ao invés de auxiliar na produção de projetos desenvolvimentistas, ampliam o ranço do atraso e da falta de perspectiva da força de trabalho economicamente ativa no país.

Hoje na emergência do consumismo e das advertências ambientais, novos conflitos passam a sobressaltar, emparelhado aos dilemas que constituíram os movimentos sociais anteriores. Não se trata mais de uma questão étnica, mas técnico-científica.

O Humanismo, a ênfase em construção de instituições educativas e literárias são pontos fortes destas pesquisas. Corroboram projetos posteriores como o do CBPE.

Pelo que se pôde notar na pesquisa sobre este grupo social, há a possibilidade de se interagir, da melhor maneira possível e sem o uso da violência e da punição. Esta interação passa por um processo de assimilação das práticas e das afetividades que aproximam e distanciam os indivíduos. Esse trabalho é um exemplo deste exercício, que acredito, deveria ser estudado com mais detalhes na contemporaneidade.

É difícil dizer em termos historiográficos sobre a carência de estudos sobre o pós-emancipação. Os pesquisadores que tratam sobre o tema falam a respeito construindo socialmente suas interpretações e como todo material científico é sempre resignificado, ainda temos uma insuficiência de potencial explicativo e satisfatório para a teorização. As argumentações científicas que preenchem o universo pós-emancipação elaboram um paradigma construindo o “problema do negro” associando-o ao papel do Estado, à condição dos ex-senhores, à imigração, por um lado e por outro, a uma recontextualização das noções de liberdade, autonomia, cultura política, perspectiva de classe e projetos de integração social. Há mais conceitos e categorias que precisam ser agregadas a essa questão inclusive manifestando a alteridade que temos sobre o assunto. Os aspectos filosóficos, psicológicos e sócio-culturais, precisam ser conjugados a experiência da pós-emancipação levando em consideração a territorialidade e os projetos estabelecidos para a mudança social.

Partindo dessas observações esta pesquisa tem por objetivo nesta etapa apresentar considerações preliminares sobre o papel da imprensa na formação do pensamento social nas interlocuções dos intelectuais e suas propostas de atuação na configuração do campo científico no Brasil.

Formação de opinião pública, desenvolvimento, educação, cultura política e interação social são as bases para uma compreensão da história nacional. Descobrir o que faz do Brasil, Brasil, de fato não é coisa para principiante. Há muitas dúvidas e esclarecimentos a serem feitos, para compreendermos nossa pátria e nossa identidade nacional. Deste modo uma divisão social do trabalho ainda precisa ser mantida para que alcancemos de maneira otimizada os melhores frutos de nossa civilização.

Esse emaranhado de perspectivas, projetos, sonhos e idealizações formados por estes grupos sociais configuram hoje um conjunto de temas e problemas da contemporaneidade, seja no campo científico, seja no âmbito nacional ou internacional. Compreendê-los e sobretudo implementá-los não é uma tarefa simples. É preciso portanto discutir as teorias de estado que está no cerne desta configuração, como também perceber a temática do negro camponês questão que não foi o foco de minha pesquisa.

Referências Bibliográficas

ANDREWS, George Ried. Black political protest in São Paulo. *Journal of Latin American Studies*, n. 24, p. 147-171, 1992.

ANDREWS, George Ried. Black and white workers: São Paulo, Brazil, 1888-1928. *Hispanic American Historical Review*, v. 68, n. 3, p. 491-521, 1988.

AZEVEDO, Thales. *As elites de cor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

BAIROS, Luiza. Orfeu and Power: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia*, n. 17, p. 173-186, 1996.

BARCELOS, Luiz Cláudio. Mobilização racial no Brasil: uma revisão crítica. *Afro-Ásia*, n. 17, p. 187-212, 1996.

BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo, 1973.

BASTOS, Élide Rugai. A questão racial e a revolução burguesa. In: D'INCAO, Maria Ângelo (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. São Paulo, UNESP, 1987. p. 140-150.

BUTLER, Kim. Freedoms given freedoms won. *Afro-Brazilians in Post-Abolition*. São Paulo and Salvador: Rutgers University Press, 1998.

BUTLER, Kim. Up from slavery: afro-brazilian activism in São Paulo, 1888-1938. *The Americas*, n. 49, p. 179-206, 1998.

CARDOSO, Hamilton. Limites do confronto racial e aspectos da experiência negra no Brasil - reflexões. In: SADER, Amir (org.). *Movimentos sociais na transição democrática*. São Paulo: Cortez, 1987.

CARDOSO, Hamilton. 1991. A questão étnica e os movimentos sociais. *Proposta*, 15 (51): 26-27.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. 1998. "Black Movements and the Politics of Identity in Brazil." in: Escobar, Danigno & Alvarez (eds.) *Culture of Politics/Politics of Cultures*. Westview. p.220-251.

FERRARA, Mirian N. 1986. *A Imprensa Negra, 1915-1963*. São Paulo, FFLCH, USP.

GONZÁLES, Lélia. 1985. The unified black movement: a new stage in black political mobilization. in: Fontaine, Pierre Michel, ed. *Race, Class and Power in Brazil*. Los Angeles: Center for Afro-American Studies, UCLA.

GONZÁLES, Lélia. 1980. O Movimento Negro na última década. in: Gonzáles, L. & Hasenbalg, C. *O lugar do Negro*. Rio de Janeiro, Marco Zero.

GONZÁLES, Lélia. 1988a A importância da organização da mulher negra no processo da transformação social. *Raça & Classe*, 2(5): 2.

GONZÁLES, Lélia.. 1988. A categoria político-cultural da amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 92-3: 69-82, jun./jul.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. 1996. “Cor, Classes e Status nos Estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960” In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB.

HANCHARD, Michael. 1992. Culturalism versus Cultural Politics: The Movimento Negro in Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil, 1970-1988. In: Kay B. Warren, ed., The Violence Within: Cultural and Political Analyses of National Conflict.

HANCHARD, Michael. 1999. Racial Politics in Contemporary Brazil. (editeb.) Duke University Press.

HANCHARD, Michael. 2001. Orfeu e Poder. Movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo, 1945-1988. Rio de Janeiro.

HARRIS, Marvin. 1964. Patterns of Race in the Americas. New York, Walker and Company.

HASENBALG, Carlos A. 1979. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Graal.

IANNI, Octávio. 1988. Escravidão e Racismo. São Paulo, HUCITEC.

LEITE, José Correia. 1992. E Disse o Velho Militante José Correia Leite: depoimentos e artigos/José Correia Leite, organização e textos Cuti. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

LÉPINE, Claude. 1987. “A Imagem do Negro Brasileiro”, p. 129-139 In: D’INCAO, Maria Angelo (org.) O Saber Militante. Ensaios sobre Florestan Fernandes. Rio de Janeiro, Paz e Terra. São Paulo, UNESP.

MACIEL, Cleber da Silva. 1987. Discriminações Raciais - negros em Campinas (1888-1921). Campinas, Editora da Unicamp.

MAIO, Marcos Chor. 1996. “A Questão Racial no Pensamento de Guerreiro Ramos”. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, p. 179-194.

MAUÈS, Maria Angélica M. 1991. Da “branca senhora” ao “negro herói”: a trajetória de um discurso racial. Estudos Afro-Asiáticos, (21): 141-160.

MIRANDA, Rodrigo. 2005. Um Caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas 1923-1926). Dissertação de mestrado apresentada pelo programa de Pós-graduação de História da Universidade Estadual de Campinas.

MITCHELL, Michael. 1977. Racial Consciousness and the Political Attitudes and Behavior of Blacks in São Paulo, Brazil. Michigan: University of Michigan.

MITCHELL, Michael. 1985. “Blacks and the abertura democrática”. in:Fontaine, Pierre Michel, eds Race, Class and Power in Brazil. Los Angeles: Center for Afro-American Studies, UCLA.

MOURA, Clóvis. 1980. "Organizações Negras". in: Singer, Paul(org.) São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis, Vozes/CEBRAP.

NASCIMENTO, Abdias do. 1982. O Negro Revoltado. Rio de Janeiro, Vozes.

NASCIMENTO, Abdias. 1978. Genocídio do Negro Brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

NASCIMENTO, Abdias. 2002. O Brasil na mira do Pan-africanismo. (Segunda edição das obras: O Genocídio do Negro Brasileiro e Sitiado em Lagos. Salvador. EDUFBA.

NASCIMENTO, Maria Ercília do. 1989. A estratégia da desigualdade: o movimento negro nos anos 70. Puc, São Paulo.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. 1977. "Etnia e compromisso cultural". in: Grupo Cultural André Rebouças. (org.) Semana de Estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira, 2, Niterói, UFF. pp. 22-8.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. 1974. Mulato, um obstáculo epistemológico. Argumento, Rio de Janeiro, 1(3):65-73.

PIERSON, Donald. 1971. Brancos e Pretos na Bahia. (estudo de contato racial), com introduções de Arthur Ramos e Robert E. Park. Segunda edição revista e aumentada. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Publicada originalmente como: Negroes in Brazil (A Study of Race contact at Bahia), University of Chicago Press, 1942.

PINTO, Luís Aguiar da Costa. 1952. "Introdução ao Estudo do Negro no Rio de Janeiro". Cultura, v. 3, n. 5, dez., p. 85-102.

PINTO, Luís Aguiar da Costa. 1953. O Negro no Rio de Janeiro. Relações de Raça numa Sociedade em Mudança. Rio de Janeiro, Companhia. Editora Nacional.

PINTO, Regina P. 1993. O Movimento Negro em São Paulo: Luta e Identidade, Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH, USP.

SANTOS, Joel Rufino dos. 1985. O movimento negro e a crise brasileira. Política & Administração, Rio de Janeiro, 2:285-308, jul./set.

SILVA, Jonatas C. da. 1988. Histórias de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia.in: João J. Reis, ed., Escravidão e invenção da liberdade. Estudos sobre o negro no Brasil, São Paulo, Brasiliense.pp.275-288.

SILVA, Luiz (Cuti). 1991. Frente à Frente Negra Brasileira. Proposta, 15(51):18-21.

SIQUEIRA, José Jorge. Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil: 1944-1968. Rio de Janeiro, 1998. Tese de Doutorado, PPGHIS/IFCS/UFRJ.